

CIGANA. — Quadro de Michel Besutte
(Cliché Abenlacar)

Segunda série — N.º 446

Director e proprietario: J. J. DA SILVA GRACA
Editor: José Joubert Chaves

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

— Ilustração Portuguesa —

Edição semanal do jornal
O SEculo

Lisboa, 7 de Setembro de 1914

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESpanHA:

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840	
Ano.....	4880	10 centavos

Agencia da Ilustração Portuguesa em Paris, rue des Capucines, 8

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispozo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina contigua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado.

Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117

CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização.....	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria

das fabricas do Prado, Marianaia e

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Al-

bergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos

de papel e dispozo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de

embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais

de qualquer qualidade de papel de maquina contigua ou redonda e de forma.

Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz

e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

—Escritorios e depositos:

Tendinha do Rocio

TELEFONE 2658

Querem especialidades em vinhos muito antigos vão lá. QUEREM o genuino vinho de Colares e Bucelas mandem lá.

A casa mais antiga n'este genero, fundada em 1830.

MOZAIICOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO

GOARMON & C.^A

Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21

TELEFONE 1244 — LISBOA

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Colegio Nacional
SANTAREM

Internato d
1.ª classe pa
ra meninas
Professora
estrangeira
ras, piano
canto, pintu

ra arte applicada, etc., etc.

OJA DA AMERICA

ROUPAS BRANCAS,
SENHORAS e CRIANÇAS
— R. DO OURO 206 —



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes—principalmente na epocha do desmamamento e durante o periodo do desenvolvimento. Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrrhéa, tão frequente nas crianças.

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e EM TODAS AS PHARMACIAS e BOAS MERCERIAS.

Sabonete preparado
com os saes das Aguas



de **Hizella**

o melhor para a pelle

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 446

7-9-1914

O Papa

Quando este numero da «Ilustração Portuguesa» fôr publicado, já estará eleito o novo Papa, — talvez o cardeal-arcebispo Giacomo della Chiesa. Na capela Sixtina, uma longa teoria vermelha de cardeais, entre os frescos admiráveis de Perugino e de Pinturichio, de Piero di Cósimo e de Botticelli, escolherá aquele d'entre todos que, amortalhado na sotaina branca dos pontífices, ficará sendo até á morte o prisioneiro do Vaticano. Se o pensamento oculto de cada um dos purpurados pudesse manifestar-



se na expressão material d'um gesto, veríamos a esta hora, em volta da triplíce coroa de Urbano IV, que cintila e faúlha no seu oiro hierático, uma multidão de mãos crispadas, de mãos convulsas, avançando, em atitudes de garra e de presa, de apreensão e de delírio, para o símbolo d'uma grandeza que é, afinal, a expressão de todas as abdições.

Nações neutras

Quando as grandes potências atualmente em guerra caírem exaustas do seu proprio triunfo ou esmagadas sob os seus proprios escombros,—chegará então aos seus proprios escombros,—chegará então aos seus proprios escombros, — chegará então aos seus proprios escombros, a vez de falar. Falarão os Estados-Unidos; falará a Italia, falará a Hespanha. Nações intactas e fortes, armadas e robustecidas durante uma neutralidade fecunda, saberão aproveitar a fadiga universal da grande guerra para fazer afirmações ambiciosas de poder e de conquista. A Italia reclamará Trento e Trieste. A Hespanha não poderá esquecer o seu tradicional delírio de expansão peninsular. Se Portugal, como querem alguns espiritos exaltados e impacientes, intervier desde já na conflagração européa com o melhor das suas energias



e do seu poder militar, atirando deliberadamente, «pour des prunes», um corpo de exercito para o matadouro da França, — não terá amanhã uma espingarda nem um carro de munições quando lhe fôr preciso repelir uma ameaça armada ou obstar a uma violação de territorio.

O porto franco de Lisboa

O governo, usando das largas facultades que o Parlamento lhe concedeu, acaba de decretar a criação, no Alfeite, do porto franco de Lisboa, e vae estabelecer, em seguras bases, a navegação para o Brazil. A distribuição da mercadoria brasileira, que até aqui se tem feito por Hamburgo, passará a ser feita em Lisboa, com vantagens para as duas nações irmãs. As carreiras nacionaes para o Brazil, consequencia necessaria da criação do porto franco, largamente assegurarão o inter-



cambio dos dois paizes. O Brazil e Portugal, intimamente unidos já pela tradição historica, estreitarão

as suas relações pela unica forma pratica e eficaz por que usam fazel-o as nações modernas: pela comunidade dos interesses expressa nos acordos commerciaes.

Porto d'outros tempos

Firmino Pereira, o ilustre jornalista, acaba de publicar um livro cheio de evocação e de interesse: o «Porto d'outros tempos». Pelas suas paginas coloridas e vivazes passam as memorias e os aspetos, as tradições e as anedotas da cidade da Virgem, todos os seus tipos, todas as suas rebeliões, todas as suas glorias,—desde o orgulho municipal dos burguezes do Porto até á cáliga doirada do bispo Pedro Salvadores, desde a elegancia inglesa de Ricado Brown, o Brummell tripeiro, até ás grandes noites do teatro lirico, revoantes de «jettés battus» e de pantalonas còr de rosa...



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

DOIS DESTINOS



Tinham-se conhecido já no outono da vida, quando a flôr de todas as ilusões começa a fanar-se e quando caem as folhas amareladas e tristes de todas as quimeras. Um e outro careciam de amparo, porque haviam atravessado uma existência árida, sem criarem afetos e sem encontrarem dedicações. Entre o turbilhão egoísta dos seres, sentiam-se absolutamente sós, sem interesses emotivos, sem simpatias espirituais. Viver, para eles, resumia-se em sofrer:— e tanto sofreram, com efeito, que a dôr os petrificou, tornando-os impassíveis ás angustias e ás fundas desgraças humanas. A humildade deu-lhes, em todo o caso, a resignação e aceitavam as ofensas como aceitariam as solidariedades:—com a mesma inércia, com a mesma impersonalidade.

Ele chamava-se Miguel, tinha no rosto emaciado de doente uma emaranhada barba manchada de branco, que lhe imprimia um aspêto de tipo do norte.

Alumiavam-lhe a fronte olhos azues e cismadores, que vagamente fitavam as coisas envolventes e as pessoas com quem cruzava pelas ruas da cidade, na sua vagabundagem de pedinte. Na cabeça trazia um boné de larga pala sempre carregada para a frente. Os seus passos eram arrastados e tardos, movia-se com dificuldade e coxeava da perna direita. A roupa de côr duvidosa que o vestia desagregava-se aos pedaços e formava um curioso mosaico de remendos. Como a sua invalidez física não lhe permitia angariar o pão por nma atividade fecunda, adquirir com o dinheiro das esmolas, ciumentamente amealhado, um realejo que transportava n'um carro, atravez dos pontos mais concorridos, parando de longe a longe e moendo automaticamente, sem a intervenção direta da intelligencia e do sentimento, trechos da «Traviata», dos «Dois Foscaris», da «Mandolinata», do «Profeta» e do «Carnaval de Veneza», no meio de bandos de crianças errantes e todas rotas que a musica entusiasmava, imprimindo-lhes ás figuras mal formadas, singulares e divinas expressões de graça e de ternura. Quando o realejo se immobilizava, n'um derradeiro soluço, tirava o boné e de cabellos ao vento, com os dedos dos pés rompendo dos buracos abertos nos sapatos, corria as lojas estendendo a mão timidamente e sem murmurar uma palavra, alheio ás generosidades ou ás negativas. De vez em quan-

do, atiravam-lhe moedas de cobre das janelas altas ou das varandas dos primeiros andares. Colhia-as de vagar, gemendo ao curvar-se e sem agradecer as ofertas com um simples olhar de gratidão. Depois, pondo o boné novamente sobre a testa, impelia o carro pelas pedras das calçadas e partia pachorrontamente. Não falava nunca. Parecia mergulhado n'uma permanente concentração interior, revolvendo o seu sonho jámais revelado, perseguindo uma aspiração—se é que tinha aspirações, este grotesco vencido! Também se não insurgia contra a sorte. Com a ponta do cigarro ao canto da boca, o bigode queimado do fumo, a mão deformada e lamentavel sobre a manivela do realejo, dir-se-ia inteiramente conformado com o seu destino de miséria e de tristeza, nada invejando aos outros nem o dinheiro, nem o amor, nem o contentamento de coração.

A sua individualidade moral, á custa de um padecimento constante, fora-se diluindo, apagando-se n'ela toda a claridade consciente que o fizesse capaz de uma afirmação mais energica ou de um grito mais forte. No entanto, inspirava uma profunda piedade e comovia até ás lagrimas os que mais demoradamente o contemplavam.

Certa manhã, houve uma reatea de sol na sua vida de solitario e de melancolico. Atraído, de certo, pelo som, que possui a enigmatica virtude de entremostrear aos temperamentos sensiveis e delicados os intermedios misteriosos da beleza e da paixão, uma mulher do povo, palida, franzina, com rugas na face, que envelhecia e perdia a frescura e o encanto, toda de preto—como se andasse de luto por uma viuvez desgasalhada ou por um bem que sempre mentira á sua confiança—parou enlevada, escutando a aria da «Norma» e torcendo nervosamente nos dedos a ponta do chale. Que saudades remotas ou que sonhos distantes acordaria a musica na sua emotividade? Voariam, diante dos seus olhos vagos, os ranchos de antigas esperanças, molhando as azas na pureza da luz? Refloriria no seu espirito um jardim de feéria em que as rosas ha muito haviam morrido? Extatica, imóvel, fitando horizontes longinquoos, ella ouvia sempre, sem perder uma nota, emquanto á sua volta latejava ativamente uma labuta em que nem sequer reparava. Por cima da cidade, fulgia a gracilidade de um sol rutilante alagando de ouro ruas e casarias e flutuando n'um azul nitido e resplandecente. Os pregões subiam na transparencia fina do ar, alegrando os bairros: e ella, alheada de todo o tumulto e do enlevo que á roda oferecia uma inquieta onda humana, presa da sedução poetica, da melodia, longe da terra e das suas amarguras, dir-se-ia refugiar-se na serenidade, na paz infavel de um ideal, que inespereadamente se apoderasse do seu ser feminino.

De repente o realejo parou, como uma voz que de subito expirasse, despertando-a da sua «reverie». Foi então que, ao erguer a vista, encontrou o olhar de Miguel, que parecia querer interrogar-a, n'uma perturbação. O episodio d'aquella mulher des-onhecida sobressaltava-o e intrigava-o. Quem seria? E porque razão ficava ainda ella,

quando todos os outros se afastavam apressadamente, para fugirem ao peditorio do mendigo?

Mas o espanto de Miguel foi maior quando ao seguir pela calçada, impelindo diante de si o carro com o realejo, se viu acompanhado teimosamente por ela, sumida nas suas vestes pretas e apertando o chale contra o peito seco. A perseguição começou a interessal-o. Era a primeira vez, em toda a sua existencia, que uma mulher ia atraz dos seus passos e o olhava sem desdem. Chegára quasi á velhice ignorando o amor—as suas santidades, as suas confianças, os seus desmaios, as suas ancias: e eis que, de improviso, uma chama estranha se acendia e ciutilava na sua emoção!

Alterado, deteve-se de novo á esquina de uma praça, resmungando, soprando com ruído o fumo do cigarro á brisa que mansamente adejava: e pegando com a mão tremula na manivêla do realejo, tocou com entusiasmo um trecho do «Fausto», espreitando de relance a sua singular companhei-

—Ninguém! As engeitadas como eu sou não possuem familia! Vivo por ai!...

Miguel envolveu-a n'um olhar de comiserção, meditou por algum tempo, enrolou um cigarro e depois, fazendo mover o carro exclamou:

—Pois eu, hoje, não toco mais. Já ganhei o meu jantar... Quer vir comigo?

Sem nada dizer, encolhendo-se toda no chale, ela caminhava ao seu lado, aflitiva, vergando ao pezo da penuria. As lagrimas corriam-lhe em fio pela cara. Mas durante a marcha incerta reencetaram a palestra, como se tivessem já ligado os seus destinos e fossem amigos velhos. Ela confessou-se-lhe, sem hesitações de vergonha, sem revolta de dignidade melindrada. O seu nome era Angélica, havia sido exposta ao nascer, tinham-na achado embrulhada nuns trapos e atirada para uma valeta. Mamára o leite das esmolas logo nos primeiros dias. Crescera não sabia como, ao sair da infancia servira amos, que lhe batiam. Na



ra, que estacára tambem. A certa altura, quando se não tinha formado ainda em redor o auditorio da criançada, Miguel não se conteve; e, interrompendo a musica, perguntou de mau humor:

—Que quer você, criatura?

—Não quero nada!—respondeu ela debilmente.

—Então para que anda at az de mim?

—E' para ouvir. Gosto de ouvir... A rua é livre.

—A! gosta de ouvir!... Está bem.

Todo o azedume de Miguel se dissolveu deante da do'orida mesquinhez da pobre mulher de aspeto sofredor, de certo infeliz como ele era, tão passiva, tão abatida, tão magra que infundia compaixão; e foi com modos brandos, sem arrogancia nem maldade, que continuou a palestra.

—Quem é?

—Uma alma de Cristo, que vae enchendo os seus dias.

—Não tem ninguem?

adolescência fôra ludibriada por um soldado que a traiu, abandonando-a duas semanas mais tarde. Para não morrer de fome, aceitára todas as galanterias do acaso, fizera recados, mendigára nos enterros e á porta das igrejas, onde a caridade é mais ostentosa e assim vivera até aos cincoenta anos, escorraçada, maltratada e escarnecida. Com o seu infortunio, ninguem se compadecera!

Miguel escutou a historia d'esta desgraça sem quebrar o fio da narrativa; mas, quando Angélica a concluiu, olhou-a demoradamente e disse:

—Eu preciso de alguém que me faça companhia. Isto dá para dois e lá na minha toca tambem cabem duas pessoas. Come-se quando houver que comer; jejua-se quando nada houver. Aceita?

—Aceito!—afirmou Angélica sem refletir.

—Pois é vir d'ái!—convidou ele n'um grito jovial.

E n'essa tarde, o seu pardiêiro escondido dourou-se de jubilo, ao calor de duas velhices inva-

lidas que se encostavam uma á outra, de certo para serem mais resistentes. Alvorou então uma claridade matinal no crepúsculo de duas vidas. Devorado o caldo do almoço, abalavam ambos para a sua via-sacra diária, levando o realejo que bucolisava os recantos centraes da cidade com p-ignas de operas italianas e francezas, enquanto na atmosfera luminosa voavam as pombas brancas aos pares e a multidão atulhava os passeios. Antigamente, quando Miguel era só, tinha de abandonar á curiosidade da garotada o instrumento, confidente de desventuras e ganha-pão: mas agora, era Angélica quem espreitava as varandas, quem estendia o pequeno prato de lata aos espétadores. Miguel ficava de guarda ao realejo, a mão pousada sobre a manivela, o cigarro na boca, quasi espectral, ruminando os seus pensamentos intimos.

No entanto, Angélica trouxera algum repouso e algum enlevo á sua existencia de deserdado. Ela era uma voz amiga e suave que o seguia docilmente para toda a parte, e o seu convívio quotidiano tornara-o menos sombrio, fizera-o um pouco expansivo, polira as arestas aggressivas do seu carater, humanisara-o. Para Miguel, Angélica fôra uma revelação: — e era por isso que a bendizia secretamente. Ao cair da noite, recolhendo ao casebre que os abrigava, caminhavam juntos, como noivos, enleando-se em longas conversas e sentindo menos crueis as fadigas das constantes jornadas. Os seus corações davam flôr: havia rosas puras perfumando romanticamente as suas bodas, em que a velhice se reanimava. E com que admiravel coragem suportavam os revezes da fortuna! Um ano, o inverno foi rigorosissimo, alagando a cidade com grossas cordas de agua. O frio era cortante e enregelava os corpos mal agasalhados. No lar de Miguel e de Angélica não havia uma codea. Para comerem durante semanas, tiveram de ir empenhar o realejo que constituia o seu derradeiro recurso. Choraram, ao despedir-se do companheiro de tantas privações — mas tranquilisaram-se com a certeza do jantar. Dissipados os ultimos cobres, peregrinaram pela cidade, ela atraz, Miguel adeante, resando e pedindo.

— O realejo? — perguniavam-lhes.
— Está no «pregol...» E' para o tirarmos de lá que andamos n'este fadario.

Então, houve uma aragem de ventura, os obulos foram mais fartos, e o realejo resurgiu no turgido, por uma luminosa manhã de festa. Para solenisar a sua entrada no palheiro, Miguel tocou, só para ambos, a aria da «Norma» que tanto havia impressionado Angélica e que lhes fez orvalhar os olhos de comção. Voltaram a ser felizes e a lutar pela vida com heroismo.

Uma noite, porém, ao regresso das ruas, Miguel foi acometido por uma dôr violenta, no lado esquerdo do peito. O sofrimento fazia-o gemer, por mais que tentasse reprimir os queixumes, para não atemorisar Angélica. Espavorida, ella interrogou:

— Tu que tens, meu homem?

— Não sei, mas nem posso tomar folego! — arquejou, banhado n'um suor frio e deixando-se cair sobre o leito de palhas e farrapos.

Nunca mais se levantou! Miguel morreu ao fim de pouco tempo, com uma pneumonia, pousando as mãos em benção, na hora extrema, sobre a cabeça de Angélica, que chorava perdidamente, balbuciando-lhe ao ouvido toda a sorte de lamentações doridas e de enternecimentos. Quando levaram o cadaver embrulhado n'um lençol oferecido por uma vizinha compadecida, a aza negra do desamparo abateu-se outra vez sobre Angélica, definhada, mais sumida do que nunca dentro do chale esburacado. Perto d'ela, o realejo jazia emudecido e abandonado, como se tivesse de prantear, ele tambem, uma orfandade e uma viuvez. Mas a intensidade do padecimento foi-se atenuando, com o volver do tempo, e Angélica, ten-



do de arranjar a migalha diária, decidiu-se á peregrinação antiga, conduzindo ella o realejo pelos sitios que para a sua sensibilidade representavam um desafio e lhe recordavam anos tranquilos. Esqueletica, macerada, lutuosa e apenas com um reflexo de vitalidade nos olhos queimados pelo ardor, pelo fogo do pranto, tocava como outra o Miguel as olvidadas musicas seculares, indiferente ás chufas, indiferente ás dadivas, mergulhando a vista extasiada na translucidez do azul primaveril. De quando em quando, o seu fragil braço, cançado, parava e o realejo, extenuado como ella, pelo uso, pelas misérias, pelas lides incessantes, soltava um queixume que ressoava um minuto e que se extinguia na aragem sonora. E, contudo, Angélica não se julgava desditosa. Vivia na sua alma a doçura, a meiguice de uma saudade. O amor, florindo n'ela uma só vez, encantara-a para sempre.

— Quantos como eu nunca o terão conhecido!... N'estes instantes de devaneio e de recordação, ella tocava com frenesi, com exaltada veemencia, n'um delirio, a aria da «Norma», para melhor lembrar. Os olhos arrasavam-se-lhe de lagrimas, mas a serenidade descia sobre as suas magoas, apaziguando-as. No seu destino, dramatico e terrivel, alvorecia então um fulgor celeste, que a fazia sorrir á ideia redentora da morte proxima...

JOÃO GRAVE.

Mapa da Alemanha

Para se seguir a marcha invasora dos russos.



Por toda a parte se nota um movimento de piedade pelas victimas da grande guerra europeia. E' que essa tremenda catastrophe, nos seus terribes efeitos, confunde, para a afetividade uni-



versal, amigos inimigos, homens de todas as nações. Em Lisboa este simpatico movimento acentua-se iniciado pelo «Seculo», que abriu uma grande subscrição nas suas colunas e promove por todo o paiz o alcance de donativos para os fazer chegar o mais breve possivel ao teatro da guerra, a fim de socorrer os feridos.

Reuniram-se ultimamente no hospicio de S. Luiz, da rua Luz Soriano, as senhoras da primeira sociedade franceza, belga e portugueza, que sob a direção da regente do estabelecimento teem confeccionado camisas, leuções e objetos de penso, que estão sendo enviados à Cruz Vermelha de Paris.



1. Senhoras reunidas no Asilo de S. Luiz, em Lisboa, confeccionando ligaduras.—2. Senhoras francezas e beigas no Asilo de S. Luiz empregando-se na piedosa tarefa de confecção de pensos.—3. Comissão de socorros a feridos na guerra:—Da esquerda para a direita, os srs. Louis Forquenot, Rambert Nisard e Daeschener, ministro da França em Lisboa.—(Gliches- Benoit).



Mademoiselle Gaby e mr. Duque, insignes creadores de varias danças, que vão tomar parte n'um concerto promovido pelo «Seculo» a favor das vítimas da guerra.



DEVANEIO

Qual o motivo d'este anseio inquieto
Que no meu peito se ergue em turbilhão,
Porque este ardor, porque esta agitação,
Sempre que vejo o teu altivo aspeto?

Porque me canço, para que me inquieto
Constantemente, n'um apêlo vão
A esse olhar que a mim nem desce?! A! não,
Não quero amar-te. Só tenho por objeto

Fazer com que o teu sonho ao meu se enlace
Na mesma ideia de Arte fulgurante,
Amar-te... Não! E mesmo que te amasse!...

Vejo-te lá tão alto e tão distante,
Que o mesmo fôra que eu me enamorasee...
Das estrelas do céu... da mais brilhante.

O. GUERRA.



Visita do sr. dr. Pedro Cid, consul portuguez em Manaus, á Sociedade Portugueza Beneficente do Amazonas—Sentados, da esquerda para a direita: menina Celeste Soto Maior; diretores srs: José do Rosario, Paulo Araujo e José Soares; sr. dr. Jorge de Moraes, diretor clinico; sr. Augusto Seixas, 1.º secretario; sr. dr. Pedro Cid, X consul Portuguez; sr. A. Soto Maior, presidente; sr. Antonio J. Bordalo, 2.º secretario; sr. dr. Costa Fernandes, medico; sr. Manuel D. Tavares, procurador; e sr. Jeronimo Goncalves, diretor.—Em pé, da esquerda para a direita: sr. Martins Junior, cartorario; diretores srs.: Candido Araujo, Marcelino Pinho, Antonio José Vieira e Manuel Pereira Silva; Leitão, Mellita, João Verdade, Manuel M. Silva



Em Cesar (Oliveira d'Azeméis)—Mercado mensal—Barbeiros ad ar livre («Clichê» do sr. Albuquerque d'Almeida).



Exposição dos trabalhos que a Escola Industrial Fradesso da Silveira, de Portalegre, enviou à «Exposição das Escolas Técnicas» realizada em Lisboa
(Clichê do amador sr. A. A. d'Oliveira, Portalegre)

UM ESCRITORIO ORIGINAL



E bem original que é o escritório do sr. dr. António da Silva Carrelhas, advogado-notário em exercício na vila e comarca d'Oliveira d'Azemeis. Este escritório ha multissimos anos que não é varrido. Não se limpa, nem se apinham os papeis que vão caindo para o chão.

Da fotografia que publicamos e que devemos á amabilidade do distinto fotografo do Porto, sr. Amadeu R. Cunha, vê-se bem o estado da mobilia: assim como o «tapete» que cobre o pavimento e que é composto de diversa papelada. Vê-se tambem no primeiro plano a cadeira

destinada ao cliente. Este escritório contém, apesar de desordem em que está, objetos de muito valor e tem aspectos muito curiosos, mas impossiveis de fotografar, porque o seu proprietario não admittie que se lhe calcquem os papeis que cobrem o pavimento, salvo aqueles sobre os quaes somos obrigados a passar.

A entrada d'este escritório existe ha vinte e cinco anos e já multissimo carcomida, uma caixa com 6 garrafas de vinho fino da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

ROMARIAS DO NORTE: Senhora das Dôres na Trofa



1. Gestinhos e bonecos de doce

Quando rebentou a conflagração europeia, passou por todo o país um estremeamento de pavor. As primeiras horas foram de verdadeiro pânico, e parecia que nós estávamos também ameaçados d'uma invasão imediata dos barbaros da Alemanha, como lhe chamam os francezes.

Pouco a pouco, porém, a tranquiida le voltou a todos os espiritos, renasceu a antiga calma, o povo entregou-se novamente ás suas occupaões habituaes, como se tudo que se está passando n'esta desgraçada Europa minimamente nos afetasse.

Demais, as gazetas, com as suas notícias

desencontradas e contraditorias, fiseram-lhe perder todo o interesse pelo desenrolar dos acontecimentos, sobre que ninguém, em verdade, pôde formular juizo seguro e muito menos estabelecer hipoteses e calculos. De maneira que, pedindo-lhe o corpo folia, e como aquela duche de meo lhe fizera esquecer os prazeres das romarias passadas, o povo poz-se a festejar por toda a parte, com entusiasmo e delirio, a Senhora de Agosto, desde a planície arenosa da Povoia de Varzim á montanha escavada da Senhora da Abadia, no Minho.

No Porto, aquele domingo foi cheio de distrações e atractivos para os nossos bons tripeiros.

Uns inundaram a Serra do Pilar, para lá do rio, em Gaia, onde a gente se premia, n'uma nuvem densa de poeira; outros subiram até Paranhos, onde havia tambem vistoso arraial, e estendiam-se, por S. Mamele, até á Ponte de Pedra, um dos pontos mais pitorescos dos arredores do Porto.

E outros, finalmente, derivaram para a Trofa, onde n'uma ca pela proxima á estação do mesmo nome, se festejava a Senhora das Dôres.



2. Regressando da romaria.—3. Um aspêto da procissão



Os andores

Os comboios andaram repletos de forasteiros, que não só do Porto, mas da Pova, Vila do Conde, de Famalicão, de Valongo, e até de Braga, para o encantador local se dirigiam, avidos de passar algumas horas agradáveis, não contando

os romeiros que, dançando e cantando, fiseram longas distancias a pé.

E a alegria e a animação foram extraordinarias, ninguém se lembrando de que o tempo, realmente, não vae muito para festas.



Um aspêto do arraial

A EUROPA EM GUERRA

A guerra prosegue a sua obra de ruína, dôr e lagrimas. Desde que a voz serena das chancelarias se fez substituir pelo crepitar da fusilaria e o ribombo dos canhões, o formidável flagelo que assola o velho continente, dia a dia avolumado com novos conflitos, terá de ir até o fim, isto é, ao descalabro mais completo de grandes nacionalidades poderosas e porventura ao desmembramento de outras, que na hora anciada da paz tenham na sua pequenez de contribuir para o refazer de forças dos colossos que se defrontam.

E' impossível dar uma impressão exata dos lances da guerra. As noticias que a cada momento chegam pecam por contraditorias quando não por inverosímeis e todas elas



1. A primeira bandeira tomada pelas tropas francezas aos alemães exposta n'uma janela do ministerio da guerra em Paris (Cliché Chusseau-Flaviens).—2. Cossacos russos fazendo um reconhecimento na fronteira alemã—(Cliché M. Branger).



Em Champigny—Passagem d'um comboio conduzindo tropas algerianas



Granadeiros ingleses partindo para a França

se resentem das conveniências da origem. Comtudo, conhecem-se as linhas geraes da fase actual da conflagração. A Alemanha, penosamente, com grande sacrificio de vidas, avança, embora lentamente no territorio francez, mas em compensação vê-se invadida pela on-

da russa que lhe tomou a Prussia Oriental e avança rapidamente sobre Berlim. Na França, os aliados opõem uma resistencia tenacissima á invasão alemã, estendendo-se as operações de guerra n'uma linha de perto de 250 milhas.



Os sobreviventes do cruzador inglez «Amphion», que explodiu no Mar do Norte por ter tocado n'uma mina



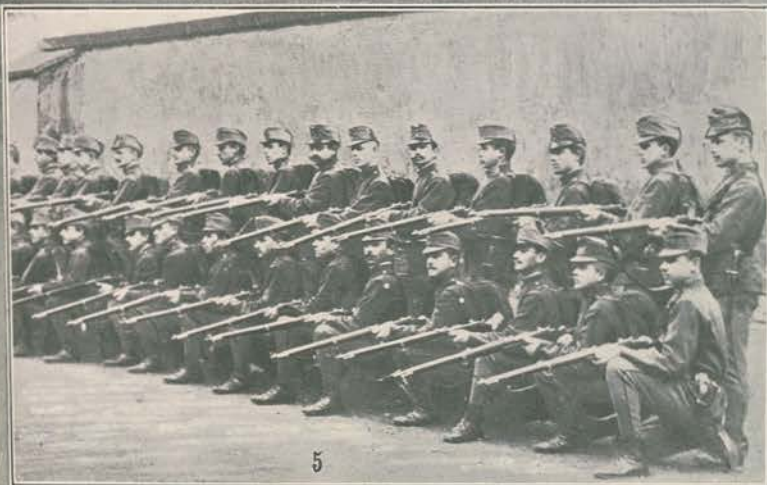
1. Infantaria franceza fazendo fogo—(Clichê Bellus — 2. Um posto telefonico
cão operando



francez improvisado—(Clichê Central Photos).—3. Um posto alemão de observa-
ção com o hellograto



4



5

6. Infantaria servia fazendo fogo—5. Infantaria austriaca esmerando um ataque aos servios—(Clichê dos Archives du Miroir).



Regimento de dragões alemães aguardando ordens.—(Clichê M. Branser).

EXPEDIÇÃO A ANGOLA

Deve partir por estes dias a expedição á Africa Occidental, sob o commando do illustre tenente coronel Alves Roçadas.

O sr. Roçadas é um dos nossos

da a gente. Póde dizer-se que a sua nomeação não foi ministerial — porque foi nacional. Ela representa uma justa consagração n'este mo-



1. Tenente coronel do estado maior José Augusto Alves Roçadas, comandante em chefe da expedição.

2. Capitão de cavalaria Manuel Firmino Mela Magalhães, chefe do estado maior— 3. Capitão d'artilheria Justiniano Esteves, comandante do trem de combate — 4. Tenente Ernesto Bertoldo Machado, subchefe do estado maior 5. Tenente Francisco Pinto Teixeira, comandante da secção de engenharia — 6. Tenente Eduardo Lima O'Connor Shirley, ajudante — 7. Alferes do quadro auxiliar de artilheria José Carvalho Cebola, encarregado do material de guerra—8. Alferes de infantaria João Guilherme Menezes Pereira, do serviço de etapes



9. Francisco X. Silveira capitão d'administração militar, chefe dos serviços administrativos.—10. Capitão de infantaria Domingos Patacho, comandante dos auxiliares.—12. Tenente de cavalaria Francisco Nunes Rosado, adjunto.—13. Tenente da administração militar Manuel de Souza Brazão, adjunto.—14. Tenente de infantaria Albano de Melo Pinto Veloso, adjunto.—15. Alferes do secretariado militar Miguel da Fonseca Pinheiro.

militares de mais gloriosa carreira. A sua folha de serviços em Africa bastaria a prestigiar o seu nome, se em outros lances ele se não tivesse nobilitado. Passa entre os seus camaradas por ser um espirito organisador de excepção e um official com raras qualidades para o commando. Logo que se falou n'uma expedição a Angola o nome do tenente coronel Alves Roçadas acudiu aos labios de to-



mento critico. Se as responsabilidades do seu commando muito o devem preocupar, as condições excepcionaes em que ele lhe foi conferido muito o devem orgulhar.

Ao corpo expedicionario do commando do sr. Roçadas incumbe exercer a vigilancia nas fronteiras, mormente na do sul, que confina com a colonia alemã do Damareland, e assegurar

16. Tenente d'artilheria Sergio Ribeiro de Sousa—17. Capitão d'artilheria Antonio Lopes Batista, comandante da 1.ª bateria do regimento de artilheria de montanha—18. Tenente do Estado Maior de artilheria Elisio Mario dos Santos Lobo—19. Tenente de artilheria Avacio Augusto Correia Pinto—20. Alferes de artilheria Manuel Caldeira Caloia Bastos—21. Tenente-medico Alfredo d'Almeida Torquato Pinheiro—22. Alferes veterinario Alberto Alfredo da Silva Lobo—23. Alferes da administração militar Manuel Alves Morgado, official provisor

a soberania portuguesa, sufocando qualquer tentativa de rebelião por parte do geníio e ocupar aquela parte da fronteira que até hoje tenha sido menos sujeita á nossa soberania, como as regiões de além-Cunene, nomeadamente o Cuanhama.

A expedição, composta de 54 officiaes, 69 sargentos, 102 cabos, 26 corneteiros, 7 artifices, 7 ferreadores, 1.260 2.ª cabos e soldados, n'um total de 1.525 homens e 315 sopolpedes, é composta pelas seguintes unidades:



teria do 1.º grupo ras.

Este efetivo, é ainda mais alguns officiaes

2.ª bateria de regimento de artilharia de montanha, 3.º esquadrão do regimento de cavalaria n.º 9, 3.º batalhão do regimento de infantaria n.º 14 e 2.ª bateria de metralhadoras.

para o desempenho de serviços dependentes do quartel general da columna, que parte no vapor "Mocambique".



1. Tenente de cavalaria Primo Sá Pinto Abreu Soto Maior.—2. Tenente de cavalaria Francisco Pessoa de Amorim.—3. Tenente de cavalaria Flausino Correia Torres.—4. Alferes de cavalaria João Maria Ferreira Sarmiento Pimentel.—5. Capitão de cavalaria Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo, comandante do 3.º esquadrão de cavalaria 9.—6. Alferes de cavalaria Carlos Alberto Novaes e Silva.—7. Tenente medico Antonio Pereira Barbosa.—8. Tenente veterinario Estantislau da Conceição e Almeida.—9. Tenente da administração militar Virgílio Pereira da Costa, official provisor.—10. Capitão de infantaria João da Fonseca Lobo.—11. Capitão de infantaria Augusto Lopes Mateus.—12. Tenente de infantaria Jose de Melo Ponce de Carvalho.—13. Major Alberto Salgado comandante do 3.º batalhão de infantaria 14.—14. Capitão de infantaria Artur Homem Ribeiro.—15. Capitão de infantaria Aristides Rafael da Costa.—16. Tenente da administração militar Francisco Moreira d'Almeida official provisor.—17. Tenente de infantaria José Cabral.—18. Tenente de infantaria Luiz d'Albu-



querque Pimentel e Vasconcelos.—19. Tenente de infantaria José Augusto Monteiro.—20. Tenente de infantaria José Rodrigues Gaspar.—21. Tenente de infantaria Antonio Rodrigues Marques.—22. Alferes de infantaria Amadeu Gomes de Figueiredo.—23. Alferes de infantaria Fausto de Matos.—24. Alferes de infantaria José Rebelo de Melo Cabral.—25. Alferes de infantaria Silverio do Amaral Lebre.—26. Alferes de infantaria Armando Augusto da Costa.—27. Alferes de infantaria Relna do Vaie de Andrade.—28. Alferes de infantaria Miguel Antonio Ponce de Carvalho.—29. Tenente medico Afonso José Maldonado.—30. Alferes medico Francisco Matos Rodrigues Moreira.—31. Capitão José Mendes dos Reis, comandante da 2.ª bateria do 1.º grupo de metralhadoras.—32. Tenente de infantaria José Tristão de Betencourt.—33. Alferes Virgílio Varela de Sena Magalhães.—34. Alferes medico Antonio Maria Pinto Fontes.—35. Alferes veterinario Antonio Messias Abade.—36. Alferes da administração militar Luiz Cândido Passos Pereira de Castro, official provisor

EXPEDIÇÃO A MOÇAMBIQUE



1. Capitão-medico Joaquim d'Assunção Ferraz Junior. 2. Capitão de artilharia Antonio dos Santos Cabrita Junior, chefe do estado maior.—3. Tenente-coronel de artilharia Pedro Francisco Massano d'Amorim, comandante em chefe da expedição.—4. Capitão d'administração militar José Maria Freire, chefe dos serviços administrativos.—5. Tenente de engenharia Bernardino Teixeira dos Reis, comandante da secção de engenharia.



6. Tenente de infantaria Antonio Candido de Castilho Valdez, subchefe do estado maior.—7. Tenente do secretariado militar, Antonio Maria Gonzaga Pinto Junior.—8. Alferes de artilharia, Vasco da Gama Rodrigues, ajudante.—9. Tenente de infantaria Luiz Santa Barbara e Santos, adjunto.—10. Tenente de cavalaria Leopoldino Xavier Palma e Palva, adjunto.

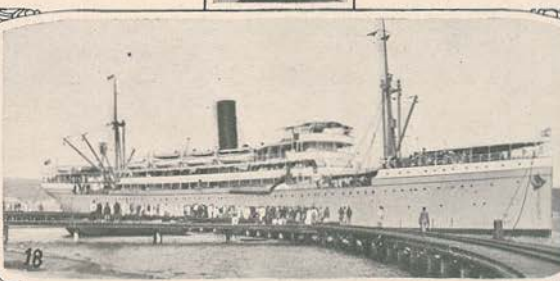


11. Tenente medico Antonio Dias da Silva, adjunto. 12. Tenente da administração militar, Hemeterio Augusto Carvalho Massano, adjunto.



13. Alferes Julio Inacio Vieira, encarregado do material de guerra.

15. Capitão de artilharia Norberto Ferreira Guimarães, comandante da 4.ª bateria de artilharia de montanha.



14. Tenente de artilharia Abel Nunes Perestrelo de Vasconcelos. 17. Alferes de artilharia Alfredo Pedro de Almeida.

16. Alferes de artilharia Joaquim Placido Duarte Silva. 19. Tenente medico José Oliveira.

Sob o comando do sr. tenente-coronel Massano de Amorim, segue em breves dias para Africa Oriental o segundo dos corpos expedicionarios ultimamente organizados. Esta expedição, como a de Angola, tem por fim especial assegurar a soberania portugueza. Dirige-se á baa do Tungue, onde é possível que a Inglaterra venha a atacar a colonia alemã do sudoeste.

Das singulares facultades do distinctissimo official a quem cabe o comando em chefe da expedição a Moçambique, tão brilhantemente demonstrados em outros lances, tem o paiz a esperar uma excelente ação.



18. O paquete «Mocambique», de Empresa Nacional de Navegação que conduzirá a expedição a Angola.

20. Alferes veterinario Adriaõ José Afonso de Castro.

A columna expedicionaria, que seguirá a bordo do paquete «Durham Castle», comboiado pelo «Almirante Reis», compõe-se da 4.ª bateria do regimento de artilharia de montanha, 4.º esquadrao de regimento de cavalaria 10 e 3.º batalhaõ do regimento de infantaria 15.

A columna expedicionaria de

a soberania portuguesa, sufocando qualquer tentativa de rebelião por parte do genito e ocupar aquela parte da fronteira que até hoje tenha sido menos sujeita á nossa soberania, como as regiões de além Cunene, nomeadamente o Cuanhamá.

A expedição, composta de 54 officiaes, 69 sargentos, 102 cabos, 26 corneteiros, 7 artifices, 7 ferreadores, 1.2602.^{as} cabos e soldados, n'um total de 1.525 homens e 315 soppedes, é composta pelas seguintes unidades:



teria do 1.º grupo ras.

Este efetivo, é ainda mais alguns officiaes aumentado com para o desempenho de serviços dependentes do quartel general da columna, que parte no vapor «Mocambique».



1. Tenente de cavalaria Primo Sá Pinto Abreu Soto Malor.—2. Tenente de cavalaria Francisco Pessoa de Amorim.—3. Tenente de cavalaria Plausino Correia Torres.—4. Alferes de cavalaria João Maria Ferreira Sarmiento Pimentel.—5. Capitão de cavalaria Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo, comandante do 3.º esquadrao de cavalaria 9.—6. Alferes de cavalaria Carlos Alberto Novaes e Silva.—7. Tenente medico Antonio Pereira Barbosa.—8. Tenente veterinario Estanislau da Conceição e Almeida.—9. Tenente da administração militar Virgilio Pereira da Costa, officiaal provisor.—10. Capitão de infantaria João da Fonseca Lobo.—11. Capitão de infantaria Augusto Lopes Mateus.—12. Tenente de infantaria Jose de Melo Ponce de Carvalho.—13. Major Alberto Salgado comandante do 3.º batalhão de infantaria 14.—14. Capitão de infantaria Artur Homem Ribeiro.—15. Capitão de infantaria Aristides Rafael da Costa.—16. Tenente da administração militar Francisco Moreira d'Almeida officiaal provisor.—17. Tenente de infantaria José Cabral.—18. Tenente de infantaria Luiz d'Albu-



querque Pimentel e Vasconcelos.—19. Tenente de infantaria José Augusto Monteiro.—20. Tenente de infantaria José Rodrigues Gaspar.—21. Tenente de infantaria Antonio Rodrigues Marques.—22. Alferes de infantaria Amaden Gomes de Figueiredo.—23. Alferes de infantaria Fausto de Matos.—24. Alferes de infantaria Jose Rebelo de Melo Cabral.—25. Alferes de infantaria Silverio do Amaral Lebre.—26. Alferes de infantaria Armando Augusto da Costa.—27. Alferes de infantaria Reina do Vale de Andrade.—28. Alferes de infantaria Miguel Antonio Ponce de Carvalho.—29. Tenente-medico Afonso José Maldonado.—30. Alferes-medico Francisco Matos Rodrigues Moreira.—31. Capitão José Mendes dos Reis, comandante da 2.ª bateria do 1.º grupo de metralhadoras.—32. Tenente de infantaria José Tristão de Betencourt.—33. Alferes Virgilio Varela de Sena Magalhães.—34. Alferes-medico Antonio Maria Pinto Fontes.—35. Alferes veterinario Antonio Messias Abade.—36. Alferes da administração militar Luiz Candido Passos Pereira de Castro, officiaal pro-

visor

EXPEDIÇÃO A MOÇAMBIQUE



1. Capitão-medico Joaquim d'Assunção Ferraz Junior.
2. Capitão de artilharia Antonio dos Santos Cabrita Junior, chefe do estado maior.—3. Tenente-coronel de artilharia Pedro Francisco Massano d'Amorim, comandante em chefe da expedição.—4. Capitão d'administração militar José Maria Freire, chefe dos serviços administrativos.—5. Tenente de engenharia Bernardino Teixeira dos Reis, comandante da secção de engenharia.



6. Tenente de infantaria Antonio Candido de Casilho Valdez, subchefe do estado maior.—7. Tenente do secretario militar, Antonio Maria Gonzaga Pinto Junior.—8. Alferes de artilharia, Vasco da Gama Rodrigues, ajudante.—9. Tenente de infantaria Lulz Santa Barbara e Santos, adjunto.—10. Tenente de cavalaria Leopoldino Xavier Palma e Palva, adjunto.

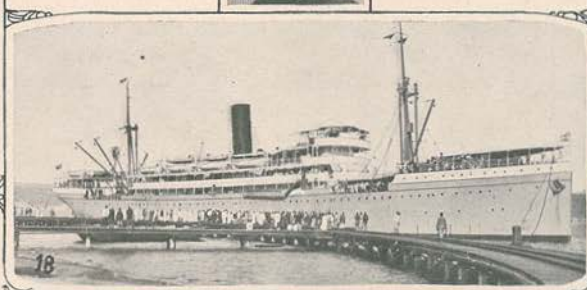


11. Tenente medico Antonio Dias da Silva, adjunto.
12. Tenente da administração militar, Hemeterio Augusto Carvalho Massano, adjunto.



13. Alferes Julio Inacio Vieira, encarregado do material de guerra.

15. Capitão de artilharia Norberto Ferreira Guimarães, comandante da 4.ª bateria de artilharia de montanha.



14. Tenente de artilharia Abel Nunes Perestrelo de Vasconcelos.
17. Alferes de artilharia Alfredo Pedro de Almeida.

16. Alferes de artilharia Joaquim Placido Duarte Silva.
19. Tenente medico José Oliveira.

Sob o comando do sr. tenente-coronel Massano de Amorim, segue em breves dias para Africa Oriental o segundo dos corpos expedicionarios ultimamente organizados. Esta expedição, como a de Angola, tem por fim especial assegurar a soberania portugueza. Dirige-se á baía do Tungue, onde é possível que a Inglaterra venha a atacar a colonia alemã do sudoeste.

Das singulares facilidades do distinctissimo official a quem cabe o comando em chefe da ex-



18. O paquete «Mocambique», de Empresa Nacional de Navegação que conduzirã a expedição a Angola.

20. Alferes veterinario Adriaõ José Afonso de Castro.

pedição a Moçambique, tão brilhantemente demonstrados em outros lances, tem o paiz a esperar uma excelente ação.

A columna expedicionaria, que seguirá a bordo do paquete «Durham Castle», comboiado pelo «Almitante Reis», compõe-se da 4.ª bateria do regimento de artilharia de montanha, 4.º esquadrao de regimento de cavalaria 10 e 3.º batalhao do regimento de infantaria 15.

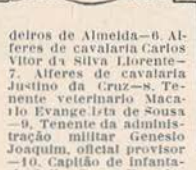
A' columna expedicionaria de



1. Tenente de cavalaria Manuel Antonio Vendelinho—2. Tenente de cavalaria D. Rodrigo de Sousa Coutinho—3. Capitão de cavalaria Luiz Frederico de

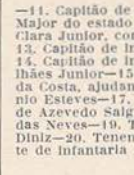


Avellar Pinto Tavares; comandante do 4.º esquadrão de cavalaria 10—4. Tenente de cavalaria Inacio Maria da Conceição—5. Alferes—medico João Pedro Me-



deiros de Almeida—6. Alferes de cavalaria Carlos Vitor da Silva Llorente—7. Alferes de cavalaria Justino da Cruz—8. Tenente veterinario Macario Evangelista de Sousa—9. Tenente da administração militar Genesio Joaquim, official provisor—10. Capitão de infantaria Julio Cesar Ferreira

—11. Capitão de infantaria Henrique Alberto de Oliveira—12. Major do estado maior de infantaria Antonio Joaquim Santa Clara Junior, comandante do 3.º batalhão de infantaria 13—13. Capitão de infantaria Luiz Carlos de Almeida Cassassa—14. Capitão de infantaria Jacinto Augusto Xavier de Magalhães Junior—15. Alferes de infantaria Carlos Augusto Dias da Costa, ajudante—16. Tenente de infantaria Joaquim Antonio Esteves—17. Tenente de infantaria Augusto Bivar Xavier de Azevedo Saigado—18. Tenente de infantaria José Farinha das Neves—19. Tenente de infantaria Mario Augusto Teixeira Diniz—20. Tenente de infantaria Eduardo Deffim—21. Tenente de infantaria Abilio Augusto de Vasconcelos Cardoso—22.



Alferes de infantaria Teodoro Virgilio da Silva Santos—23. Alferes de infantaria Virgolino Eduardo Nepomuceno Mimoso—24. Tenente de infantaria Hermenegildo Pereira da Silva—25. Alferes de infantaria Nicolau de Luzzi—26. Alferes de infantaria José Joaquim Henriques—27. Alferes de infantaria Gustavo Augusto Pires de Pi-



guedredo—28. Tenente-medico Jorge de Almeida Monjardino—29. Alferes-medico Manuel Marçal de Mendonça—30. Tenente da administração militar Eurico Batista Severo de Oliveira, official provisor



Moçambique, bem como á de Angola, incumbe com uma missão sagrada e não isenta de perigos, com os quaes, decerto os soldados portuguezes saberão deffrontar-se com a coragem, a bravura e a ener-





A cavalaria belga, que fez face aos alemães, leva os animais a matar a sede no Mosa



O porto de Catara, que foi bombardeado pelas esquadras francesa e inglesa



Depois de largos dias de frotelo os officiaes alemães tomam tranquilamente uma grande refeição



Infantaria belga marchando na linha de fogo contra os alemães



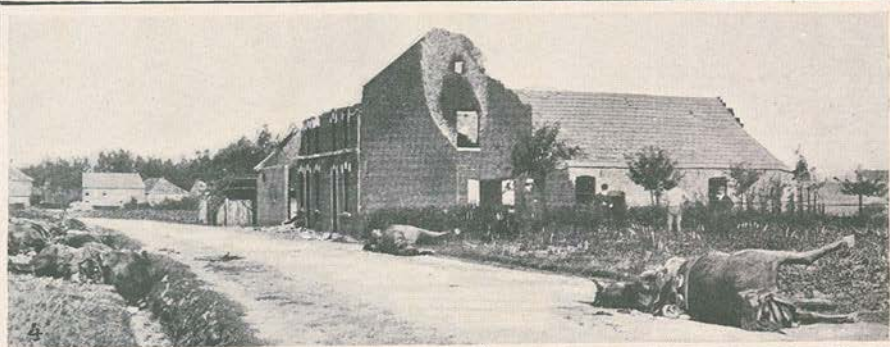
1



2



3



4

1. França. — Partida d'uma bateria de artilharia. Canhões e viaturas enfeitados com bandeiras e flores. —
 2. Bélgica. — Uma granja incendiada proximo de Haelen. — 3. N'um campo de Diest (Bélgica). — Despojos da
 cavalaria alemã guardados por uma sentinela belga. — 4. A aldeia de Haelen bombardeada pelos alemães.



Em Bruges: acampamento dos prisioneiros alemães que estão perfeitamente à sua vontade



Desembarque das tropas Inglesas no continente, a caminho da fronteira

(«Cliché» M. Branger).



As mulheres de Moulant transportam o res'o dos seus haveres antes das suas casas serem acabadas de destruir.



Em Paris.—Na ausência dos maridos as mulheres substituem os condutores e os revisores dos «tramsways»

(«Cl'ché» Chusseau-Flaviens).



Infantaria belga fazendo fogo contra os uhlanos em Jodoigne

A ESCOLA AGRICOLA LUIZ DE QUEIROZ EM PIRACICABA (S. PAULO)

Piracicaba é conhecida dos paulistas por *A noiva da colina*. É uma das mais lindas cidades do interior do Estado. Debruçada sobre colinas verdėjantes, d'um recorte soberanamente estético, Piracicaba revê-se toda no salto cachoeirante da sua formosa planície. O verde esmeraldino das terras ubérrimas que a circunjam é dos mais encantadores que existem, dando à linda desposada

aguas do rio que as atravessa são limpas, desenhando-se em curvas de uma beleza eloquente, inspiradoras amigas de mais de um pintor que se celebrou. É saudavel. Clima seco e constante.

Foi em Piracicaba que tive nos o prazer de visitar um estabelecimento de ensino, que bem se lhe pode chamar modelar e n' pedagogia agricola. A Escola Agricola Luiz de Queiroz está situa-



da Natura o aspeto risonho de uma primavera permanente.

Piracicaba é uma moça eterna, porquanto começou a ser povoada no seculo XVIII e cada vez se fecunda mais de filhos que a honram e nobilitam.

Foi berço do terceiro presidente da Republica, Prudente de Moraes, e tumulo d'esse cidadão ilustre de que se recordam com saudade os espiritos privilegiados que defendem a doutrina de um regimen democratico governado por um civil. Piracicaba viu nascer politi-



da a 3 kilometros da cidade, na antiga fazenda de S. João da Montanha, onde o falecido e ilustre paulista sr. Luiz de Sousa Queiroz tentou levar a efeito o nobre e patriótico projeto de levantar ali uma escola de agricultura. Motivos de varia ordem, levaram-no a doar ao Estado o que já havia realisado. O governo de então, presidido pelo sr. Bernardino de Campos, creou, definitivamente, a Escola Agricola, dando-lhe o nome do seu iniciador. Começaram os trabalhos de instalação, e em



1. Edifício da Escola Agricola de Piracicaba—2. Sr. Dr. Leonidas B. Damasio, diretor da Escola Agricola Luiz de Queiroz—3. Cefadeira de arroz

cos e agricultores. Todos hão contribuido para a tornar feliz e respeitada, não quedando na vida contemplativa, desculpavel pela beleza do torrão, aproveitando-lhe incessantemente, a plethora de fertilidade. Piracicaba é, hoje, uma cidade digna de ser vista, que não só o desenvolvimento material é grande, como exemplar é a vida cidadina. São cincoenta mil leguas quadradas, quasi todas desdobrando-se em colinas de ondulações suaves. As

julho de 1901, inauzuraram-se os primeiros cursos sob o patrocínio do secretario de agricultura, sr. Cándido Rodrigues. Um ano depois, o sr. Domingos Moraes aventava a idéa da criação de uma Fazenda Modelo, anexa à Escola. Essa fazenda modelo, hoje tão florescente, assim como o posto zootecnico, tem o fim especial de desenvolver o ensino pratico demonstrativo e estudar experimentalmente os processos aperfeiçoados das diversas culturas e

os varios ramos da industria pastoril, visando, ao mesmo tempo, a producao de colheita de cereas, frutas, hortaliças, forragens, etc., para auxiliar, quanto possivel, o custo do estabelecimento. Mais tarde, o sr. Padua Sales, desenvolveu o espirito didatico da Escola, dando-lhe a maxima importancia, até que ha pouco, o atual secretario da agricultura, um piracicabano illustre, sr. Paulo Moraes Barros, lhe imprimiu o alto cunho do seu belo espirito reformista, tirando á Escola o internato por contraproducente, insuflando-lhe nova seiva que muitos bons resultados praticos tem dado aos seus numerosos alunos, futuros arroteadores, conscientes, da terra paulista.

Assistimos a varias demonstrações praticas do ensino agricola, quasi todo experimental, como é mister seja sempre, conduzidos pelo sabio diretor da Escola, sr. Leonidas A. Damazio, professor jubilado da Escola de Minas, uma grande autoridade em ciencia mineralogica, e pelo sr. Emilio Castelo, engenheiro agronomo, diretor da Fazenda Modelo, onde colheimos as mais eloquentes lições. Se até então não amamos os a terra, como sendo o verdadeiro patrimonio universal, d'esse dia em diante teriamos de ficar sendo idólatra do seu poder de atração e de riqueza.

O programa didatico dos cursos obedece á seguinte organisação:

PRIMEIRO ANO
1.^o semestre.—Revisão de matematicas (incluive desenho), Fisica, Botanica geral e sistematica, Quimica mineral e organica, Trabalhos praticos de horticultura e agricultura (extra curso).

2.^o semestre.—Revisão de matematicas (incluive desenho), Fisica mineralogica e geologica, Botanica sistematica, fitopatologica e microbiologica, Quimica analitica, Trabalhos praticos de horticultura e agricultura (extra curso).

SEGUNDO ANO—1.^o semestre.—Topografia (incluive desenho), Meteorologia e climatologia, Quimica agricola, Zoologia geral, Zoologia sistematica, Agricultura geral—Fisica do solo; adaptacao dos terrenos á cultura—sementes, Trabalhos praticos nas officinas.—2.^o semestre.—Estradas de rodagem, Irrigação e drenagem, Agricultura geral (agrológia, lavras, adubação), Zoologia sistematica, Entomologia, Apicultura, Zootecnia geral, Industrias agricolas, Trabalhos praticos na leitaria e nas officinas.

TERCEIRO ANO—1.^o semestre.—Mecanica agricola (incluive desenho), Horticultura, Agricultura, Culturas especiaes, Zootecnia especial, Noções de higiene e veterinaria, Legislação e contabilidade agricolas, Pratica de administração agricola.

NOTA—Nos tres anos do curso, o ensino de cada cadeira comprehende, além das lições theoreticas, numerosas aulas praticas. Os trabalhos praticos de agricultura são efetuados no decurso dos tres anos, na Fazenda Modelo, nos campos de experiencia e no Laboratorio de agricultura.

A Escola dispõe para o ensino experimental e demonstrativo dos seguintes anexos e dependencias: gabinete de fisica, mineralogica, geologia e posto meteorologico para a primeira cadeira; laboratorio de quimica para a segunda cadeira; gabinete e laboratorio de botanica e

fitopatologia e horto botanico para a terceira cadeira; laboratorio e gabinete de agronomia, Fazenda Modelo com campos da experiencia e demonstração, cafezal, pomar, horta, parque e matas para a quarta cadeira; gabinete de zoologia, entomologia e zootecnia, laboratorio de veterinaria, posto zootecnico e leitaria para a quinta cadeira; gabinete de engenharia rural, oficina mecanica e oficina de carpintaria, galerias de maquinas e motores agricolas para a sexta cadeira. Além dos laboratorios, a Escola tem o museu, officinas de carpintaria, apiario, posto meteorologico e outras secções e dispõe de uma area de 131 alqueires ou 319 hectares de terras, cuja exploração está assim distribuida:

199	hectares em matas, capoeiras, etc.
21	> > pastos.
87	> > culturas.

As principais culturas e suas areas, em metros quadrados, são:

Cafezal:	149.000
Milho branco e	262.240
Cafete amarelo:	
Cana (triscada, preta ou Lusser)	110.825
Arroz (Jaguary e Cafete):	75.200
Feijão mulatino:	16.258
Forragens diversas:	70.000
Batatas:	13.000
Algodão:	43.000
Maniçoba:	34.400
Mandioca:	7.600
Aboboras:	12.000
Cafezeiros de experiencia:	4700
Vinhedo:	5.250
Pomares:	28.772
Araruta gigante:	5.000
Cana tellos de experiencia:	9.375
Horta de irrigação:	8.250

Culturas permanentes

Cafezeiros	9.580 pés.
Laranjeiras	510 pés.
Bananeiras	510 pés.

Videiras	420 pés.
Mangobeiras	614 pés.
Marmeleiros	130 pés.
Figueiras	95 pés.
Amelxeiras	95 pés.
Manjeiras	24 pés.
Frutas diversas	24 pés.

Na vacaria anexa á Fazenda Modelo tem os alunos para estudo 173 animaes pertencentes ás raças holandezas Simenthal, Caracá, Baroneza, Franqueana e respectivos cruzamentos. De gado suino existem cento e tantos especimens das raças Berkshire, Yorkshire, entre puros sangues e mestiços. Para o estudo da industria pastoril ha uma bem montada secção onde se desenvolvem as aturadas experiencias do fabrico de queijo e de manteiga.

Um dos cursos a que assistimos, nas suas linhas geraes, agradando-nos á fórma pratica como está organiado, é o de Zootecnia. E' o estudo das qualidades dos animaes domesticos em geral, das suas diferentes raças e dos meios de aclimação, utilização e melhoramento. Ali são especialmente estudadas as especies: bovidea, equidea, ovidea, capridea, e suidea. No primeiro ano o aluno aprende a conhecer os animaes, no segundo a



Aula de quimica

creal-os e no *terceiro ano* a cural-os. A parte pratica é na propria fazenda em demonstrações com os animaes de propriedade da Escola: mensurações, explorações, apreciações, comparações dos animaes das diversas especies, tudo isto sob a immediata fiscalisação do professor especialista, etc.

Depois de se ter visitado minuciosamente esta Escola, como o fizemos, fica-se com a impressão justa dos progressos materiaes do Estado de S. Paulo.

Não admira, pois, que ele seja considerado no estrangeiro e que o natural diga arrogante e convencido:

—Não sou brasileiro sou paulista...

Perdôa-se a quem tal disser. Tem razão.

JOSÉ SIMÕES COELHO.



1. Parque e Escola Agrícola de Piracicaba e casa do diretor—2. Aula pratica de agricultura

PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
Muito eficaz contra a
ASTHMA
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
6, Rue Dombasle, PARIS

TELEPHONE
N^o 2638

PERFUMARIA
ROSA D'OURO
COLOSAL
SORTIMENTO
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

A Fotografia das côres
com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais
facil do que a fotogra-
fia a negro. Reprodução
exata de todas as côres
da natureza.



SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

PARA ENCADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE de 1914**, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de ottimo efeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remediada em vale do correio ou selos em carta registrada. Cada capa vaé acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

SAUDE, FORÇA, ENERGIA
Molestias dos Paizes quentes.

FERRO
QUEVENNE

CURA:
ANEMIA
FERRES, DEBILIDADE
Activo, sgarantido,
economico, inalteravel.
União dos Fabricants

Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Impressão

Zincogravura

e Fotogravura

Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nickelado

Em cobre.

côres, pelo mais recente processo — o de trichromia.

para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalho.

e Composição

FAZEM-SE NAS

OFFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcusavel perfeição.

Stereotypia

De toda a especie de composição

Impressão

e composição

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite

OFFICINAS DA Ilustração Portuguesa R. DO SEculo. 43

O Amor

e

o PETRÓLEO GAL



Idyllic
sem
palavras